

## A UTILIDADE DA EDUCAÇÃO NA MODERNIDADE (SÉCULO XVI)

---

Célia Mazzo Mura\*

---

### Resumo

Esta reflexão busca enfatizar a questão educativa em meio às grandes transformações que ocorreram no período de transição da Idade Média para a Idade Moderna. No período de transição feudal/capitalista, que adentra a modernidade, a educação é posta a equilibrar os desajustes oriundos das mudanças nas formas de ser e de pensar do homem, em momentos de crises agudas e de rupturas com os valores e princípios da Idade Média. Educar o Ser para o exercício de uma vida útil, para as necessidades apresentadas no interior do processo de existência humana, foi a tônica de muitos discursos sobre a educação, apresentadas nas idéias de muitos pensadores. Formar o indivíduo com mérito pessoal e uma personalidade enriquecida pela cultura geral e universal, em contato estreito com a prática existente no cotidiano do homem, esteve presente no discurso sobre educação. A utilidade da educação corresponde aos anseios de formação do Ser aberto às diversidades do mundo e ao resgate da dignidade, da moral e da ética, consideradas por muitos perdidas em meio às turbulências da sociedade em transição. **PALAVRAS-CHAVE:** Educação, formação geral, cultura, vida útil.

### Abstract

This paper emphasizes the education issue among the great transformations that occurred from the transition period of the Middle Ages into Modernity. In the period of transition between feudalism and capitalism that enters Modernity, education was put to balance the maladjustments that came from the changes in the forms of being and thinking of Man, in moments of acute crises and ruptures of values and principles of the Middle Ages. To educate the Being to exercise a useful life, to the necessities presented in the interior of the process of human existence, was the invigorating idea behind many discourses on education presented by many thinkers. The idea of upbringing the individual with personal merit and na personality enriched by general and universal culture was always present in the discourse on education. The usefulness of education corresponds to the yearning of upbringing the Being open to the diversities of the world and to the redemption of dignity, moral, and ethics, thus considered lost by many in the middle of the turbulences of a society in transition.

**KEYWORDS:** Education, General Upbringing, Culture, Useful Life.

---

\* Docente da UNIPAR. Mestre em Educação.

## Introdução

As motivações que conduziram ao desenvolvimento da reflexão sobre esta temática derivaram das necessidades de se buscar compreender, um pouco mais, o universo humano a partir das dimensões histórica, filosófica e educativa, que vêm se articulando com as rápidas transformações da atualidade e que foram grande palco de discussões acirradas no passado e apontadas nas obras dos grandes pensadores do período de transição para a modernidade. Mostrar os grandes feitos do passado é uma forma de contribuir com o presente e repensar a visão utilitária da educação na atualidade.

A relevância do estudo de sociedades longínquas contribui para o esclarecimento sobre questões educativas postas em determinados momentos e serve de referência para compreender o fenômeno educativo que é alvo de grandes debates e discussões no momento atual.

Buscou-se localizar as discussões sobre a educação num período em que o homem moderno se preparava para assumir o exercício de uma vida autônoma, individual, fundada no intercâmbio com as experiências vividas. Era um momento em que se processava, no interior da sociedade, lutas contínuas, em que valores velhos e novos se fundiam e confundiam a forma de pensamento e as ações humanas. Esteve presente a forte acentuação do caráter individual e do conceito dinâmico de homem, que levou o indivíduo a procurar seu rumo, obstinadamente, e sem medo de ser diferente dos outros. Isso tudo veio favorecer a iniciativa de organizar um pensamento educacional voltado ao aspecto particular e utilitário.

O êxito e a fama, adquiridos por meio da força de vontade individual, tiveram seu espaço garantido no século XVI. As exigências postas pela sociedade de transição proporcionaram o desencadeamento de um tipo de atenção voltada para as novas situações.

As ações individuais foram sendo reforçadas pelas bases materiais, que contribuíram para o fortalecimento

da autonomia individual, colocando o homem frente às novas situações e formas de organizar a vida, fornecendo-lhe condições para um maior desempenho de suas funções motoras e mais “segurança” no sistema de trabalho que, de organização corporativa, passou a incorporar a produção da manufatura.

As condições históricas da transição corporação – manufatura produziram no indivíduo uma tendência à racionalização do pensamento e da produção. A organização da sociedade burguesa aparece como produto do próprio homem como “ser livre”. O homem, livre para decidir sobre seus caminhos, luta para atingir seus objetivos de democracia e liberdade. A defesa da liberdade e da vontade individual se sobressaem no período mercantilista, e se explica, por um tipo de racionalidade que, na concepção de Marx, ainda não se submeteu à coisificação rigorosa das relações de produção.

A vontade individual tem à sua frente um mundo que lhe apresenta exigências diversas. Os mecanismos de produção lançam o indivíduo nas experiências que exigem novas habilidades no processo de trabalho coletivo e da divisão social do trabalho.

As transformações materiais revelam o nível de compreensão individualista e, em geral, apresentam-se como elemento predominante nas idéias filosóficas da época. É comum nos escritos dessa época o reforço a um tipo de educação que possibilite uma formação sem vícios. Fica claro o envolvimento das propostas educacionais com a construção de uma sociedade que questiona as antigas formas de viver da Idade Média, e que busca outras alternativas para uma vida equilibrada e mais ajustada às novas situações que se coadunam com as grandes descobertas e invenções humanas. É muito comum, nesse período, o desenvolvimento de atitudes críticas, pelos pensadores, em relação à conduta inflexível, e por vezes mística, instaladas pela educação escolástica tradicional. A educação almejada pelo pensamento filosófico e educativo para levar adiante o projeto de construção de uma vida social livre e de ascensão ao mundo dos negócios, com autonomia individual e

equilíbrio, estiveram presentes, em grande parte, nos discursos teórico-filosóficos da transição para a modernidade.

## 1. A educação útil reforçada pela experiência

O reforço a um modelo de educação pautado nas experiências vividas fez parte das discussões sobre educação no período de transição, com forte acentuação, encontrado nas idéias filosóficas de pensadores como: Michel de Montaigne (1533-1592), F. Rabelais (1495-1554), T. Morus (1478-1535), Comênio (1592-1670), e tantos outros.

Na crítica ao pedantismo e à escolástica, o filósofo francês Michel de Montaigne condena a razão prepotente dos mestres e defende a razão fortificada pela experiência em estreito contato com o mundo natural, quando diz que: o mundo não passa de uma escola de investigação. Não ganha quem corre mais, mas quem corre melhor (MONTAIGNE, 1980: 421). A experiência pode, em grande parte, ser a base para o conhecimento; assim sendo, a razão pode ser um guia perfeito quando exercida sobre os conteúdos particulares fornecidos pela experiência. A razão liberta o homem para o mundo, desde que a educação seja uma boa condutora e coloque o indivíduo frente às diversas situações e circunstâncias da vida. A realização dessa orientação irá fornecer ao indivíduo um bom conteúdo que, aliando-se à ação dinâmica e a uma boa dose de habilidade e capacidade inteligentes, dará ao ser maiores chances de se relacionar com o mundo. A educação que Montaigne propõe para a época não chega a ser uma educação universal válida para todos, isto é, não chega a ser uma proposta institucionalizada; e sim, uma orientação válida que tem como objetivo a formação de um Ser que seja útil ao enfrentamento das circunstâncias particulares de sua existência e que possa contribuir para o equilíbrio e ajustes sociais.

A formação ética e moral é considerada de grande valia para transformar o indivíduo num ser mais completo. A educação passa ser uma arma que po-

derá substituir a ciência dos pedantes por uma formação útil ao homem empreendedor. O verdadeiro sentido da educação utilitária está na formação da moral. À formação moral não cabe um simples saber, mas sim, a transformação do ser, criando em seu interior uma segunda natureza. Está distante de Montaigne a idéia de uma educação mística, pouco preocupada com o real, com o concreto e com os prazeres da vida. Montaigne pretende formar um homem honesto, um cavalheiro e não um pregador. Uma educação bem empregada visa fornecer ao cavalheiro espaço para que possa transformar as lições em ações.

A crítica à escolástica é algo um tanto comum no período de transição. Montaigne defende a necessidade de uma formação intelectual e moral própria ao exercício de uma vida útil e agradável, livre do saber inútil até então ministrado nos colégios. Para ele é de grande simplismo ensinar aos meninos a ciência dos astros e os movimentos da oitava esfera antes de lhes abrir os olhos para os próprios sentidos. (IDEM, 1980: 81)

Não se trata de uma aversão total às ciências da natureza, por considerá-las inúteis e falsas, mas, sobretudo, porque tomam muito tempo e há necessidades urgentes de formar o novo homem que possa dar conta de seu destino e que contribua para o processo de formação humana. A ciência não formadora do Ser interior e exterior, para ele, é aquela aprendida de cor, sem discussões que venham a envolver o juízo e a ação, eis o grande sentido da educação humanística do período de transição. Considerando que a ação tem muito mais peso num período de vida curto frente às guerras, destruições e doenças, é grande a preocupação em apressar o processo educativo e não deixar o jovem por muito tempo preso à educação escolástica. Montaigne deixa entrever a urgência em formar o indivíduo, visto que a sociedade transforma-se rapidamente. Assim sendo, a necessidade naquele momento não era formar um logicista nem um gramático, mas um fidalgo para ocupar o seu posto na direção da sociedade. Esta forma adotada por Montaigne, propondo uma

formação diferente daquela que era praticada pela educação escolástica, justifica-se pela postura burguesa e pelo novo espírito capitalista que investiu seriamente na transformação da cultura medieval. O bem-estar social passa a ser assegurado pela ação do indivíduo e não pelo corpo social. A proposta de controle, através da educação, visa encaminhar o homem em direção ao trabalho, desviando-o do mundo agressivo.

A educação útil, pautada pela prática, enfatizada por Montaigne, vai aparecer em Comênio, (com uma diferença, pois Montaigne está preocupado com os filhos de sua classe, enquanto, Comênio está preocupado com a educação de todos), mais tarde, na arte de ensinar em estreita convivência com o artesão. Isso expressa a necessidade do período da manufatura em expansão. São os ofícios que poderão contribuir para o fortalecimento da vontade individual, para a formação do ser interior rumo à formação profissional, de forma a tornar-se apto e desenvolver suas tarefas de forma bem equilibrada, sem degenerar em violências, contribuindo assim para a sustentação da ordem. O conhecimento e a compreensão do mundo em expansão tornam-se tarefa útil, podendo desmistificar muitas idéias fantasiosas sobre o desconhecido e levar ao conhecimento de novidades técnicas e de novas línguas. Assim, a filosofia escolástica vai sendo destituída de seu apogeu em nome de outra fonte que nasce com os pés na terra, que, no dizer de Morus, é a filosofia menos selvagem que conhece o teatro do mundo (MORUS, 1984:202).

## **2. A utilidade da educação para o ser empreendedor**

A virtude é um dos principais requisitos para a formação do Ser empreendedor, e fórmula ideal para a formação do burguês progressista. O desenvolvimento do ser individual passa pela boa formação física e intelectual, requisitos que a burguesia progressista necessitava para exercer o seu papel frente às intempéries da nova forma de vida que vinha

aflorando. A coragem, a disposição para correr riscos, e o espírito ativo de empresa devem suportar, sem queixas, o enfrentamento com o mundo desconhecido, com novas culturas, com a fúria dos mares e com o estilo de vida dos selvagens do mundo desconhecido. Tudo isso vem de encontro com as novas necessidades de existência.

O comportamento do homem no período de transição materializa-se a partir de um processo de fusão, composto por velhos e novos valores. Uns vivendo ainda à maneira principesca, enquanto outros predisõem-se a cuidar com rigor das finanças. Mesclam-se o espírito aventureiro, guerreiro e aristocrático e o comercial burguês. Da união do espírito aventureiro, da presa de guerra com o espírito comercial especulador, nasce aquele espírito de empresa, primordialmente no comércio marítimo.

Montaigne resgata as virtudes cavaleirescas e guerreiras, afim de fortalecer o corpo e o espírito. Como Montaigne, Rabelais já havia se preocupado com o papel de uma boa educação física. Por trás desses pensadores, há sem dúvida toda uma tradição cavaleiresca, guerreira, entendida como grande atributo da educação do fidalgo. Uma educação útil para a formação do homem moderno.

Montaigne indica como qualidades para a formação do homem empreendedor, elementos que, mais tarde, serão indicados por Locke, para a formação do indivíduo egoísta. Em nível educacional, Locke propõe a formação do indivíduo, particularizando, utilizando a aquisição de associações, de hábitos de um belo estilo de linguagem, de qualidades morais de aptidões naturais, do uso da racionalidade ampliada pela experiência e da livre decisão da vontade.

A educação útil aqui apresentada é aquela que se articula com as necessidades do período de transição para a modernidade. O conhecimento útil aparece em oposição ao saber livresco da escolástica, e a nova forma de ensino coaduna-se com a superação de limites feudais pela ação da burguesia unida ao lucro, ao capital nascente. A forte expressão do individualismo, a necessidade e formação do Eu

autônomo, ativo, a necessidade de enriquecimento da mentalidade através do conhecimento geográfico e da diversidade cultural, tudo isso corresponde às necessidades criadas pelo período de transição.

### 3. Uma educação útil para a formação do ser virtuoso

Está presente, no Humanismo Renascentista, uma educação útil às exigências do novo que vai deixando de lado as velhas formas vivenciadas pela Idade Média. O ser virtuoso, ético e moral, é a tônica do discurso humanístico que a educação irá fortalecer. Sobressai frente aos planos irracionais da Idade Média, ligados ao puramente espiritual e reflete a consciência racional que se torna o elemento substancial na organização da nova sociedade (MARTIN, 1992:8). A virtude, a moral e a ética passam a ser elementos necessários ao homem empreendedor para se sentir seguro e acreditando em suas próprias possibilidades, poder dirigir a vida e seus negócios com as próprias mãos, rumo ao bem estar com equilíbrio e harmonia.

Montaigne, Raberlais, Morus e outros pensadores da época, reforçam um tipo de educação que venha a fortalecer a dignidade humana, o espírito livre, aberto às coisas do mundo, num período em que o homem necessitava desenvolver novas aptidões para as grandes buscas e renovação de seu universo humano, momento em que a burguesia assumia o seu papel de mentora intelectual no desenvolvimento de novos recursos técnicos e aptidões para as grandes descobertas.

No texto "Da Educação das crianças," Montaigne indica uma educação útil que tinha por objetivo despertar no jovem aptidões para o seu auto controle quando em contato com a escola do comércio, onde o jovem, numa relação estreita com as coisas do mundo, pudesse desenvolver novas aptidões e lições de cultura geral como sendo de grande valia para a formação do ser autônomo, indivíduo forte, prudente, virtuoso e cuidadoso no trato com questões de seu interesse.

Hoje se faz presente, em muitos debates sobre educação, a busca do discurso humanístico.

Embora num contexto diferente, a situação se assemelha, em alguns aspectos, com o momento de transição. Resgatar a ética e a virtude, conduzindo o homem a pensar em si mesmo, a fim de rever as suas atitudes frente ao mundo se faz presente em muitos discursos e debates sobre a educação. Uma educação útil à formação de um ser que não consegue ver-se frente ao mundo, que vive fora de si e não consegue olhar para dentro de si mesmo tem sido alvo de discussões na atualidade.

Os requisitos encontrados por Montaigne para a formação do novo homem que iria enfrentar o mundo em mudanças vem sendo resgatado por muitos educadores da atualidade com a grande preocupação em formar o ser dinâmico e atento às mudanças rápidas e contínuas. Trazer à tona as reflexões sobre o indivíduo na tentativa de ajustá-lo para o enfrentamento com as adversidades do mundo atual é voltar ao passado humanista e buscar a essência do pensamento daquele tempo, a fim de verificar os desajustes atuais. A educação, assim reivindicada, passa ser um instrumento útil e de salvação daquilo que os homens vão construindo e destruindo em seu processo de existência.

No momento atual, de entrada para o novo milênio, a educação se torna uma das bases mais importantes para a solidificação da sociedade pós-moderna. Cada vez mais é reivindicado o papel de uma educação que venha a contribuir para a organização de um mundo agitado, complexo, contraditório e desequilibrado.

Formar o ser tem sido a tônica do discurso organizado pelo relatório da UNESCO de 1999. A bagagem adquirida por uma escolaridade puramente quantitativa vem sendo questionada em favor de uma educação qualitativa e enriquecedora, visando a adaptação do homem ao mundo, cujas transformações são rápidas e contínuas. As discussões da UNESCO priorizam quatro níveis de conhecimento considerados indispensáveis à condução do homem rumo ao novo milênio que se aproxima: Aprender a conhecer,

aprender a fazer, aprender a viver juntos, aprender a viver com os outros e aprender a ser. Nesta perspectiva, o conhecimento útil é aquele que permite uma visão universal de mundo. *Um espírito verdadeiramente formado, hoje em dia, tem necessidade de uma cultura geral vasta e da possibilidade de trabalhar em profundidade determinado número de assuntos.* (DELORS:1999, 91).

Este saber, que visa um aprendizado pautado nos instrumentos do conhecimento, passa ser considerado um meio de aprendizado que conduz o homem ao conhecimento do mundo e de si próprio.

*Meio, por que se pretende que cada um aprenda a compreender o mundo que o rodeia, pelo menos na medida em que isso lhe é necessário para viver dignamente, para desenvolver as suas capacidades profissionais, para comunicar. Finalidade, porque seu fundamento é o prazer de compreender, de conhecer, de descobrir. Apesar de os estudos sem utilidade imediata estarem desaparecendo, tal a importância dada atualmente aos saberes utilitários, a tendência para prolongar a escolaridade e o tempo livre deveriam levar os adultos a apreciar, cada vez mais, as alegrias do conhecimento e da pesquisa individual. O aumento dos saberes, que permite compreender melhor o ambiente sob os seus diversos aspectos, favorece o despertar da curiosidade intelectual, estimula o sentido crítico e permite compreender o real, mediante a aquisição de autonomia na capacidade de discernir. Deste ponto de vista, há que repetilo, é essencial que cada criança esteja onde estiver, possa ter acesso, de forma adequada, às metodologias científicas de modo a tornar-se para toda a vida "amiga da ciência". Em nível de ensino secundário e superior, a formação inicial deve fornecer a todos os alunos instrumentos, conceitos e referências resultantes dos avanços das ciências e dos paradigmas do nosso tempo. Contudo, como o conhecimento é múltiplo e evolui infinitamente, torna-se cada vez mais inútil tentar conhecer tudo; e, depois do ensino básico, a omnidisciplinaridade*

*é um engodo.* (IDEM: 1999, 91).

Nas reivindicações sobre a educação, neste momento histórico de grandes mudanças, existe a preocupação em resgatar o pensamento humanista, a fim de preparar o novo homem para viver com dignidade. O homem pós-moderno, informatizado, que vive um ritual frenético de existência, baseado na produção e acumulação de bens, tem se tornado um Ser fora de si mesmo, tão debatido pelos pensadores do início da modernidade, como Montaigne, Rabelais, Morus e tantos outros. Neste momento, em que a sociedade passa por mudanças muito rápidas - semelhantes em muitos aspectos com as mudanças ocorridas no período humanista renascentista consubstanciadas no capital, poder, *status quo*, que são as prioridades neste final de milênio. O ter ocupa o lugar do ser. O valor da vida tornou-se algo fútil e descartável, como mercadoria qualquer que se adquire e tem período de validade e utilidade. Virtude, moral, ética, dignidade humana, equilíbrio, coragem para enfrentar as intempéries, equilíbrio emocional, fortalecimento do espírito para as boas ações derretem como neve nas montanhas dispersas em contato com o ar. O homem vale por aquilo que ele possui!

## Conclusão

As discussões sobre educação aqui focalizadas têm fundamento para a produção de novos saberes, a partir do momento em que as informações pesquisadas podem trazer à tona fatos sobre a existência humana em períodos distantes que nos conduzam a novas reflexões sobre a realidade do mundo pós-moderno.

O processo de transição é resgatado no sentido de dar explicações sobre fatos e acontecimento que vêm permeando o meio social e gerando conflitos e controvérsias na vida humana. Analisar o processo de transição significa buscar explicações para as atitudes humanas em momentos de grandes transformações que se processam, de

forma veloz, deixando os homens atônitos e sem perspectivas quanto ao rumo que devem tomar para o desenvolvimento de suas ações frente ao exercício de novas aptidões e ajustes ao meio social.

O resgate histórico-filosófico sobre a educação buscou demonstrar o quanto os homens do período de transição feudal-capitalista estiveram envolvidos no processo de construção de uma sociedade que negava as velhas formas de viver da Idade Média, embora ainda naquele momento não tivessem claro um projeto de vida que lhes desse uma certa segurança em suas ações sobre o mundo, devido aos desajustes proporcionados por inúmeras convulsões sociais de origens diversas, tais como, guerras civis e religiosas, pestes, inseguranças de toda espécie.

Em meio à situação conflituosa, pensadores do início da era moderna buscaram resgatar valores humanísticos da era greco-romana, a fim de fortalecer as idéias sobre educação, na tentativa de formar um novo homem, diferente do homem medieval, considerado cheio de vícios. Nesse sentido, a educação é chamada a controlar o Ser através de ensinamentos, em estreito vínculo com a vida prática.

A retomada dos valores humanísticos, por uma parcela de educadores da atualidade, vem demonstrar que o passado pode servir, de certa forma, como fonte de reflexão para se entender o presente. A necessidade de resgatar o Ser que existe dentro de cada um, neste momento, é semelhante às formas de pensamento e expressão presentes no pensamento humanista/renascentista.

*Esquecendo-se de si mesmo, enquanto Ser, a maioria olha para fora e não para dentro de si.* Estas palavras ditas por Montaigne e tantos outros filósofos da época, são retomadas em muitos discursos educativos, como um valor a ser seguido, e contrapõem-se aos valores do homem egocêntrico, mais voltado para fora de si envolvido pelo mundo exterior. A acumulação de riquezas, de poder, de aquisição de *status* e as necessidades de consumir são valores latentes na sociedade deste final de século. Ao olhar para o universo natural, os homens pare-

cem enxergar com os óculos do futuro econômico promissor, de desrespeito à natureza e a si próprio como ser integrante desta. Preservar, muitas vezes, parece ser uma necessidade puramente econômica, que faz com que este mesmo sujeito, que tenta preservar o seu ambiente, esquece de suas funções enquanto ser integrante dessa mesma natureza que lhe ofereceu a vida e recursos para a sua existência.

O mercado, reforçado pela mídia é o agente que impulsiona, ainda mais, o processo de formação egocêntrica. Se hoje existe uma polêmica em torno da postura humana que busca na educação um antídoto contra os males do egoísmo excessivo, gerado pela sociedade moderna (do consumo, da troca, do lucro) sempre esteve presente na sociedade de transição para a modernidade, onde os grandes anseios centralizavam-se nas grandes conquistas econômicas (em sua fase inicial) por mar e por terra. Se neste período a educação esteve voltada para a formação do ser empreendedor, livre das amarras com os laços medievais, agora está voltada a corrigir as mazelas geradas pelo homem da sociedade modernizada. Assim, a educação passa ser o grande instrumento de equalização social, no dizer de SAVIANI (1995), sendo convocada a equilibrar os desequilíbrios.

## Bibliografia

01. BUFFA, Ester et alii. **Educação e cidadania**. São Paulo: Cortez, 1988.
02. COMÊNIO, João Amós. **Didática magna**: tratado da arte de ensinar tudo a todos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1975.
03. DELORS, Jacques et alii. **Educação**: um tesouro a descobrir. São Paulo: Cortez, Brasília. DF. UNESCO, 1999.
04. HOFF, Sandino. **A viagem e o teatro**: princípios educativos em Montaigne. In: Apontamentos, n.º 20, Maringá: UEM, 1993.

05. LOCKE, John. **Carta acerca da tolerância:** segundo tratado sobre o governo – ensaio Acerca do entendimento humano. São Paulo: Abril Cultural, 1978, ( Os pensadores).
06. MANACORDA, Mario Alighiero. **História da educação:** da antigüidade aos nossos Dias. São Paulo: Cortez, 1995.
07. MARTIN, Alfred Von. **Sociologia del renacimiento.** México: Fondo de Cultura Económica, 1992.
08. MONTAIGNE, Michel Eyquem de. **Os Ensaaios.** São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os Pensadores).
09. MORUS, Thomas. **A Utopia.** São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Os Pensadores).
10. MURA, Célia Mazzo. **Liberdade e educação em Montaigne.** Maringá: UEM, 1997 (dissertação de mestrado).
11. RABELAIS, François. **O gigante gargântua.** São Paulo: Clube do Livro, 1961.
12. SEVCENKO, Nicolau. **O Renascimento:** os humanistas, uma nova visão de mundo. Campinas: Atual, 1985.